

This file has been cleaned of potential threats.

If you confirm that the file is coming from a trusted source, you can send the following SHA-256 hash value to your admin for the original file.

851001f8efb5ea9f0dcfee6827f1b0e211e7060c444084129b58728d6329cabb

To view the reconstructed contents, please **SCROLL DOWN** to next page.

<http://amazoniareal.com.br/crise-no-inpa/>



A Crise no INPA



Philip Martin Fearnside | 21/05/2018 às 19:32

Sou pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia há 40 anos. A crise financeira atual no INPA é grave, embora ao longo dos meus anos aqui já passamos por situações piores – sem nem papel higiênico, com os telefones cortados, etc. Na crise atual, muitas coisas estão paradas.

O orçamento tem sofrido grandes cortes nos últimos dois anos: 44% em 2017 e 40% em 2018. Mais importante ainda é que, tipicamente (em 2017, por exemplo), muito do “orçamento” prometido no início do ano simplesmente não é liberado como “financeiro” que pode ser

gasto, e o que é liberado tem o gasto dificultado por vir em pequenas parcelas (“doze avos” ou até “dezoito avos”).

Em 2018, no entanto, 61% do orçamento total (reduzido pelas cortes) já foram liberados, embora isto acaba de chegar e a burocracia demora para os gastos serem feitos de fato. Daquilo que é liberado, uma parte substancial (31% em 2017) normalmente chega nos últimos dias do ano, quando não há tempo para completar os tramites burocráticos para gastar, e, em parte, acaba sendo obrigatoriamente devolvido ao Tesouro.



Além do centro de pesquisa, o Inpa é aberto à população (Foto divulgação)



Sede do Inpa em Manaus (Foto divulgação)

Além da falta do dinheiro do Instituto em si, os projetos de pesquisa de fontes como o CNPq e o governo estadual há muito tempo não vêm liberando parcelas já aprovadas, por falta de dinheiro nessas agências de fomento. A indicação de bolsistas também é bloqueada, pelos “Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia (INCTs) no CNPq, por exemplo, mesmo tendo saldos substanciais de dinheiro aprovado. Os meus próprios projetos têm sofrido muito com isto.

O problema maior não é a falta de dinheiro, mas a falta de contratos para novos funcionários. O INPA não pode nem abrir novas áreas de pesquisa nem manter tudo que já tem, pois não se abre novos concursos. Não estão sendo substituídos os funcionários que estão se aposentando aos montes, tanto em função do envelhecimento do quadro como pela incerteza atual sobre a previdência. Muitos dos funcionários que restam são pertos à idade de se aposentar. O quadro vem diminuindo há anos, e já encolheu 40% desde o auge.

A situação já é crítica, tanto na parte da pesquisa como na administração. Há cada vez mais gente no INPA, mas são alunos, bolsistas, etc. e não funcionários.

O triste fato é que grande parte das novas vagas que têm surgido no MCTIC (Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações) nos últimos anos têm sido alocadas à burocracia em

Brasília, e todos os institutos federais de pesquisa, inclusive o INPA, estão prestes a desaparecer se não houver uma mudança.



Pesquisas do Inpa na Floresta Amazônica (Foto: Inpa)

Leia também os artigos da série [Belo Monte: Lições da Luta 1 – Resumo da série](#)

A foto acima é de divulgação do Inpa.

Philip Martin Fearnside é doutor pelo Departamento de Ecologia e Biologia Evolucionária da Universidade de Michigan (EUA) e pesquisador titular do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), em Manaus (AM), onde vive desde 1978. É membro da Academia Brasileira de Ciências e também coordena o INCT (Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia) dos Serviços Ambientais da Amazônia. Recebeu o Prêmio Nobel da Paz pelo Painel Intergovernamental para Mudanças Climáticas (IPCC), em 2007. Tem mais de 500 publicações científicas e mais de 200 textos de divulgação de sua autoria que estão disponíveis neste [link](#).